

**Artistas europeus mostram hoje as obras do projeto Laboratório, temporada de dois meses no Nordeste**

FERNANDO OLIVA  
enviado especial à Paraíba

A artista plástica suíça Carmen Perrin pegou um ônibus em João Pessoa para desembarcar, sete horas e 434 km depois, em Sousa.

Foi lá que ela encontrou a matéria-prima para sua obra, fornos artesanais de argila com seis metros de comprimento por dois metros e meio de altura.

Sua intervenção artística no sertão —documentada em vídeo, slides e catálogos—, mais as criações de pintores, escultores, fotógrafos e videoartistas, serão apresentadas hoje em João Pessoa e nesta quinta-feira em São Paulo.

Por dois meses, esse grupo de 13 artistas vindos da Suíça abancou-se na Paraíba para produzir a partir da experiência local. O projeto Laboratório estréia hoje suas obras em espaços tão diversos quanto praias, calçadas, um coreto, um mosteiro, pontos de ônibus e ônibus que circulam pela orla.

Pelo menos uma das obras já criou polêmica. A série "Os Sonhos Brasileiros" motivou protesto do artista plástico Mário Simões, que pichou trabalhos de três artistas (leia texto abaixo).

"A idéia era chegar aqui sem idéias de projetos nem material, sem nada no bolso, trabalhar com o que houvesse à disposição", diz Carmen, que também é uma das curadoras do intercâmbio, ao lado de Fabiana de Barros (artista brasileira fixada em Genebra) e Jean Stern (artista suíço).

"Queríamos nos apropriar de algo e depois devolver para a população, mas carregado de elementos que evidenciassem as diferenças culturais", diz Carmen.

Assim fez Gorja, fotógrafa que mudou um pouco a paisagem urbana com suas instalações em pontos de ônibus. Depois de fotografar prédios em construção na periferia, ela transformou as imagens em cartazes e cobriu as paredes de concreto com eles.

Como só concebeu a obra ao chegar à Paraíba, foi obrigada a pro-

duzir sua própria cola para afixar os painéis —o que fez usando goma de tapioca, a farinha de mandioca usada na cozinha local.

Outra artista que se valeu, literalmente, da matéria-prima paraibana foi Elizabeth Arpagaus. Para criar sua obra na praia de Jacumã (18 km ao sul de João Pessoa) ela

retirou a argila amarela de uma montanha próxima e moldou formas geométricas na areia.

As figuras são pouco a pouco levadas pela maré, criando um interessante efeito de aquarela, filmado e fotografado pela artista.

Fabiana de Barros preferiu trabalhar com a "matéria humana" da Paraíba. Na praia de Cabo Branco, em João Pessoa, construiu seu "Fiteiro Cultural", quiosque de madeira em que ela se instala todas as tardes. O ambiente funciona como ateliê e ponto de encontro com interessados, curiosos e amigos. "Queria estar disponível e vulnerável para o espectador de arte", diz ela.

Na mesma praia onde Fabiana interage com o público, circula a obra de Elizabeth Zahnd. O vídeo "Transmissão", exibido na ilha de ônibus Cabo Branco, associa sinais de código morse em alemão ao seu correspondente em português, metáfora de uma comunicação truncada entre as duas culturas.

O Laboratório, orçado em R\$ 110 mil, foi custeado pela Fundação Pró-Helvétia, com o apoio do governo da Paraíba e da Prefeitura de João Pessoa. Em 1999, cerca de 15 brasileiros devem ir para a Suíça.

## 'Sonho' é pesadelo para artista

do enviado à Paraíba

Mário Simões, paulista radicado na Paraíba há cinco anos, ficou indignado com o trabalho do artista plástico Yan Duyvendak, a série de cartões-postais "Os Sonhos Brasileiros", e resolveu protestar, só que atacando trabalhos de outros artistas do Laboratório.

Irritado com as imagens de crianças abandonadas, favelas e áreas pobres de João Pessoa colhidas por Yan, o artista brasileiro pichou as obras de Gunter Frentzel, Elizabeth Arpagaus e Fabiana de Barros com a frase: "Seu sonho brasileiro é nossa dor e pesadelo".

"Todo mundo estava aceitando o trabalho de Yan sem problemas, foi uma coisa coletiva. Você não pode ficar apenas dois meses em um país e fazer uma leitura dessa

natureza, tocar numa ferida tão nossa e chamar isso de sonho brasileiro", justifica Simões.

"Foi uma coisa sarcástica e de espírito colonialista. Eu quero levá-los a refletir sobre o assunto."

As pichações foram feitas à luz do dia, na última sexta-feira. Um dos trabalhos atacados, a instalação de Frentzel, reúne 60 cocos de gesso no centenário Forte de Cabedelo, a 20 km de João Pessoa.

A artista plástica brasileira Fabiana de Barros foi a única que recebeu o protesto de Simões com naturalidade. Segundo ela, a proposta de seu "Fiteiro Cultural" (quiosque de madeira onde ela interage com a população) era mesmo incorporar "opiniões" externas. "O outro sempre faz parte do meu trabalho. Eu me presto a esse tipo de intervenção." (FO)

# Suíça faz arte para a Paraíba

# ver

### Terra estrangeira

Editoria de Arte/Folha Imagem

Elizabeth Arpagaus fez uma instalação na praia de Jacumã (18 km ao sul de João Pessoa) com pigmento natural (argila) colorida que retirou da montanha



"O artista é o mais indicado para fazer arte", pergunta Joel Bartolomeo, em anúncios do jornal diário "A União". A população participava por fax. "Podemos matar o artista e responder ou não a essa pergunta", respondeu um dos anúncios



Yan Duyvendak, artista multimídia, produziu a série "Os Sonhos Brasileiros", desenhos que espalhou pela cidade, um por dia, representação kitsch do sonho que ele teve na noite anterior



Gorja ocupou os pontos de ônibus com miniinstalações fotográficas (av. Coralio S. Oliveira e av. Duarte Silveira), fotomontagens de prédios em construção

Remo Legnazzi está editando um vídeo sobre o Laboratório, a partir das imagens captadas, que será apresentado em janeiro no Festival de Solothurn, na Suíça

Elisabeth Zahnd exhibe o vídeo "Transmissão" no interior de ônibus. O vídeo de Zahnd trata da comunicação (no caso, a falta dela) entre duas culturas diferentes

Fabiana de Barros, pintora e performer, instalou seu "fiteiro cultural" em plena praia (av. Cabo Branco, nº 2.988) e retoma a discussão de sua obra: os limites entre o espaço público e o privado

A fotógrafa Nathalie Wetzel fez uma intervenção fotográfica em um coreto próximo ao Pavilhão do Chá, revestindo colunas com imagens ampliadas da superfície do mar

O escultor Gunter Frentzel levou sua instalação com 60 cocos de gesso para o Forte de Cabedelo, criando uma relação orgânica com sua arquitetura centenária

Phillippe Saire, coreógrafo, internou-se com sua trupe (Corinne Rochet e Nicolas Pettit) no mosteiro de São Francisco e criou um espetáculo experimental de dança

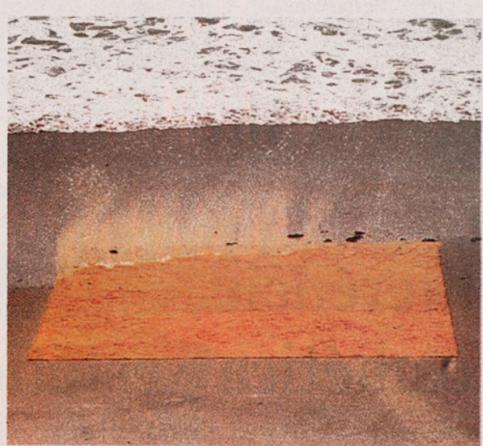
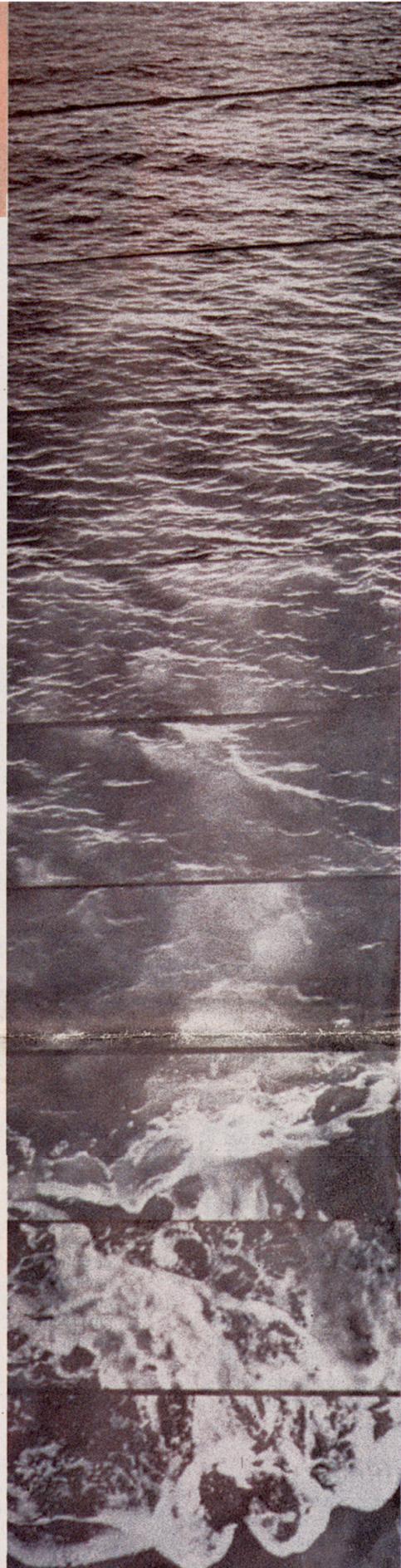


Carmen Perrin foi até o sertão para atuar junto à pequena comunidade de Sousa, que vive de fabricar tijolos



Jean Stern tampouco mais de 60 buracos pelas calçadas de João Pessoa, usando cimento e formas de alumínio

Pascal Poyet, poeta, vai produzir um livrinho de cordel, em francês, com texto inspirado na experiência paraibana



A partir do alto, obra de Nathalie Wetzel; forma em argila de Arpagaus é levada pelo mar; forno artesanal usado por Carmen Perrin em Sousa (PB)